

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil



Ano da Paz 2015

Texto-Base

APRESENTAÇÃO

*“É possível percorrer o caminho da paz?
Podemos sair desta espiral de dor e de morte?”*
(Papa Francisco).

“Somos da Paz”! A presença do Filho de Deus entre nós é anúncio de paz: paz na terra aos homens por Ele amados (cf. Lc 2,14). Deus encarnado propõe nova relação, apresenta novo horizonte, cria novas possibilidades. Ele veio revelar o próprio de Deus entre os homens: amar. No amor somos novas criaturas; revestidas da nova filiação que conduz à reconciliação, ao re-começo. Através da “encarnação do Filho e da redenção por Ele operada, o próprio Deus entrou na história e fez surgir uma nova criação e uma nova aliança entre Deus e o homem (cf. Jr 31,31-34), oferecendo-nos a possibilidade de ter ‘um coração novo e um espírito novo’ (cf. Ez 36,26)” (Bento XVI, Mensagem para o Dia-Mundial da Paz, 2013).

Na Criança de Belém, no Crucificado, tudo se irmana, familiariza. Todos participam da realidade encantadora da Trindade. Nela, tudo é gerativo, doação, saída, cuidado, gratuidade! Sempre vida nova, gerativa!

A paz é um movimento, um caminho a ser percorrido em cada época, em cada situação. Especialmente em época de violência, é preciso ousar: propor e percorrer o caminho da paz. “É possível percorrer o caminho da paz? Podemos sair desta espiral de dor e de morte? Podemos aprender de novo a caminhar e percorrer o caminho da paz? Sim, é possível para todos!” (Papa Francisco, Vigília de Oração pela Paz, 07/09/2014). Percorrer o caminho da paz é crer na grandeza da pessoa humana, na convivência humana. Desarmar os espíritos, os corações como possibilidade de encontrar-se com o outro, com o irmão. Sempre é possível, quando o outro não é descartável, mas um próximo em cujas feridas se derrama o óleo da caridade e o vinho do banquete fraterno (cf. Papa Francisco).

Paz (do indoeuropeu *pak* ou *pag*) que é padecer, carregar; uma responsabilização de quem foi atingido pela paz d’Aquele que, padecendo, tudo reconciliou, libertou. “Somos da paz”, construtores da paz, instrumentos da paz como cristãos. Frente à violência que experimentamos e padecemos, os bispos propõem como caminho a paz (cf. Mensagens de Paz dos Papas sobre o Dia Mundial da Paz, Apresentação).

É preciso falar sempre de paz, ensinar a paz, construir a paz. O Beato Paulo VI, lembrando a *Pacem in terris*, afirmava que é “preciso ensinar o mundo a amar a Paz, a construí-la e a defendê-la e, contra as premissas de guerra que continuamente renascem (emulações nacionalistas, armamentos, provocações revolucionárias, ódio de raças, espírito de vingança, etc.) e contra as insídias de um pacifismo tático, que narcotiza o adversário que se pretende abater; ou faz gradualmente desaparecer nos espíritos o sentido da justiça, do dever e do sacrifício, é preciso despertar, nos homens do nosso tempo e das gerações vindouras, o sentido e o amor pela Paz, fundada na verdade, na justiça, na liberdade e no amor” (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1968).

São João XXIII identificou como condições essenciais para a paz quatro exigências concretas da alma humana: a verdade, a justiça, o amor e a liberdade (cf. *Pacem in terris*, n. 265-266). São João Paulo II, interpretando essas exigências, afirmava: “A verdade, será fundamento da paz, se cada indivíduo honestamente tomar consciência não só dos próprios direitos, mas também dos seus deveres para com os outros. A justiça edificará a paz, se cada um respeitar concretamente os direitos alheios e esforçar-se por cumprir plenamente os próprios deveres para com os demais, O amor será fermento de paz, se as pessoas sentirem como próprias as necessidades dos outros e partilharem com eles o que possuem, a começar pelos valores do espírito. Finalmente, a liberdade alimentará e fará frutificar a paz, se os indivíduos, na escolha dos meios para alcançá-la, seguirem a razão e assumirem corajosamente a responsabilidade dos próprios atos” (Mensagem para o dia Mundial da Paz, 2003).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) proclamou 2015 como o Ano da Paz. O grito silencioso de paz, “Somos da Paz”, se eleva frente à violência crescente em todos os níveis. Violência de morte, de abuso de poder, de descarte da pessoa, de quebra das relações de confiança, de desagregação da família, de ganância e corrupção, de marginalização da infância e da adolescência.

O presente texto deseja ser um subsídio para a celebração do Ano da Paz. São pequenas indicações e sugestões para sermos todos da paz, arautos da paz. A paz não é um sonho, nem uma utopia; a paz é possível.

Ano da Paz! Somos da Paz! Acendamos a luz; uma pequena chama que não se deixa apagar pela violência, e percorramos o caminho da paz. Jesus é o caminho da paz. Ele é a nossa paz. A paz esteja conosco, pois Ele está no meio de nós!

Brasília, 25 de março de 2015.
Solenidade da Anunciação do Senhor

Leonardo Ulrich Steiner
Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário-Geral da CNBB

Objetivo

“Superar as múltiplas formas de violência que agridem a dignidade dos filhos e filhas de Deus e despertar a convivência fraterna entre as pessoas.”

Oração

Senhor, dai-nos a vossa paz, ensinaí-nos a vossa paz, guiai-nos para a vossa paz.

Abri nossos olhos e nossos corações.

Dai-nos a coragem de dizer: “nunca mais a violência, nunca mais a guerra”.

Senhor, Deus de Misericórdia,

que nos criastes e nos chamais a viver como irmãos,

dai-nos força para sermos cada dia artesãos da paz.

Infundi em nós a coragem de realizar gestos concretos para construir a paz.

Dai-nos olhar com benevolência todos os irmãos e as irmãs

que encontrarmos no caminho.

Tomai-nos disponíveis para ouvir o grito dos irmãos e das irmãs

que nos pedem para transformar as armas em instrumentos de paz,

os medos em confiança e as tensões em perdão.

Conservai em nós a chama da esperança para criarmos,

com perseverança, opções de diálogo e de reconciliação,

para que vença finalmente a paz.

Do coração de todo ser humano

sejam banidas as palavras: divisão, ódio, violência, guerra!

Senhor, desarmaí nossa língua e nossas mãos.

Renovai nossos corações e nossas mentes,

As palavras “irmão” e “irmã” expressem verdadeiramente o encontro fraternal,

e o estilo de nossa vida revele que “Somos da Paz”, “da Vossa Paz”!

Amém!

(Adaptação da oração do Papa Francisco no encontro de oração
com representantes de Israel e da Palestina)

ANO DA PAZ

A Paz é Fruto da Justiça (cf. Is 32,17).

INTRODUÇÃO

1. A fraternidade é uma dimensão essencial do homem. Ser irmão, irmã é próprio da pessoa humana. Ela é relacional, está sempre em relação. É essa dimensão que torna possível a construção de uma sociedade justa que deixa tudo ser na paz.¹ Visibiliza o Reino de Deus que é o Reino da Paz.

2. Os bispos do Brasil aprovaram, por unanimidade, durante a 52a Assembleia Geral, o Ano da Paz. Trata-se de um período de reflexões, orações e ações sociais, que se estende do Natal de 2014 ao Natal de 2015. Com a proposta do Ano da Paz, a Igreja no Brasil quer ajudar na superação das múltiplas formas de “violência que agridem a dignidade dos filhos e das filhas de Deus e despertar para a convivência mais respeitosa e fraterna entre as pessoas”.

3. Já em 2009, ao propor o tema “Fraternidade e Segurança Pública” e o lema “A paz é fruto da justiça”, a Igreja no Brasil, através da Campanha da Fraternidade, apontava que o cenário de pobreza, desemprego, desigualdade social e explosão demográfica das cidades tem favorecido a “cultura da violência”. Afirmava que a cultura de paz e da cidadania está relacionada ao tema da segurança como uma questão sociopolítica que envolve a todos. Nenhum membro da sociedade organizada deve ser excluído do processo de construção de uma sociedade mais justa, fraterna e segura ou eximir-se de sua responsabilidade no processo de construção da paz social. O texto conclamava a que “todos devem, portanto, colaborar na criação e na construção da ordem justa, sem a qual a paz é ilusória e não há segurança”.²

A PAZ AGREDIDA

4. A violência apresenta-se nas mais variadas formas: física, psicológica, institucional, sexual, de gênero, doméstica, simbólica, entre outras. Superar as várias faces da violência é uma tarefa de todos. Exige o compromisso de cada cristão e cristã no enfrentamento das múltiplas formas de ofensa à dignidade humana que se naturalizam escandalosamente na nossa sociedade, como se pode perceber em alguns indicadores:

a) Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, mais de 58% da população apresentou ao menos um tipo de carência social: atraso educacional, qualidade dos domicílios, acesso aos serviços básicos e acesso à seguridade social; 32,2% dos brasileiros não tinham acesso aos serviços básicos: água, esgoto, coleta de lixo e energia elétrica; cerca de 4,8 milhões de crianças de até 14 anos estavam seriamente expostas a riscos de doenças por

¹ Cf. Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2014.

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Campanha da Fraternidade 2009; Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2009.

residirem em domicílios sem estruturas de saneamento básico ou em condições inapropriadas; 37,9% dos homens entre 18 e 24 anos deixaram a escola antes do tempo previsto; a taxa de evasão escolar entre 18 e 24 anos era de 26,6%; 24,8% dos brasileiros eram analfabetos.³

- b) Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), os negros recebem salários menores, correspondentes a 61% dos não negros.⁴
- c) Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1995 até 2005, 17.983 pessoas foram libertadas em situação de trabalho escravo no Brasil.⁵
- d) O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2013, apontava um déficit de 5,24 milhões de moradias em todo o país, o que correspondia a 10% do total de domicílios.⁶

5. Apesar dos evidentes avanços sociais conquistados nos últimos anos no Brasil, a escandalosa desigualdade social ainda persiste como uma das causas geradoras da violência. Somam-se, nesse desafiador quadro social, as causas externas de mortalidade (lesões decorrentes de acidentes relacionados ao trânsito, afogamento, envenenamento e outras formas de violências, como agressões, homicídios, suicídios, tentativas de suicídio, abusos físicos, sexuais e psicológicos) que contribuem com mais de 138 mil óbitos anualmente em nosso país.⁷

Os homicídios no Brasil, por exemplo, tiveram um aumento de 259% no período de 30 anos. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 11% dos assassinatos do mundo acontecem no Brasil, onde uma pessoa é morta a cada dez minutos; 50.806 pessoas foram vítimas de homicídios dolosos no Brasil somente em 2013, ano que registrou 50.320 casos de estupro; o número de presos no sistema penitenciário no Brasil cresceu 5,37% entre 2012 e 2013, sobrecarregando ainda mais o já superlotado sistema penitenciário; os custos com a violência chegaram a R\$ 258 bilhões naquele ano, quase 6% do PIB, que é a soma de todas as riquezas que o país produz em um ano; nos últimos cinco anos, as polícias brasileiras mataram 11.197 pessoas; policiais também foram vítimas: em 2013, 490 foram mortos no país — 75% estavam fora de serviço.⁸

Dados do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade (IVJ 2014), apontaram que no Nordeste, um jovem negro corre cinco vezes mais o risco de ser morto do que um jovem branco. Dos quase 30 mil jovens assassinados em 2012, 76,5% eram negros ou pardos, ou seja, morreram 225% mais jovens negros do que brancos. De acordo com o IVJ, no Brasil, esse índice é de 2,5, ou seja, são assassinados 2,5 vezes mais jovens negros do que brancos. A evolução histórica da mortalidade violenta no Brasil impressiona: entre os anos 1980 e 2012, morreram no país 1.202.245 pessoas vítimas de homicídio; 1.041.335 vítimas de acidentes de transporte; 216.211 suicidaram-se. As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas.⁹

³ IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2011.

⁴ Dieese, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), 2012.

⁵ OIT. Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI.

⁶ Panorama Ipea: “Estudo aponta redução do déficit habitacional no país”. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20656>. Acesso em: 04/03/2015.

⁷ Segundo dados de 2010 do Ministério da Saúde.

⁸ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 8º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2014.

⁹ Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil.

5.1. As discussões sobre redução da maioria penal, apresentadas como pseudolenitivo para o enfrentamento da criminalidade, devem considerar, por exemplo, que diferentemente do senso comum que considera os adolescentes como um segmento frequentemente associado à prática de crimes hediondos, as estatísticas demonstram a prevalência de ações contra o patrimônio (62,8%), sendo o roubo (34,7%) e o furto (22%) as modalidades mais recorrentes. Os crimes contra a pessoa e os costumes representam 13,6% dos atos que geraram aplicação de medida socioeducativa, sendo que os homicídios respondem por 4,1% dos crimes praticados pelos adolescentes.¹⁰ Por esse e outros motivos, a CNBB já se manifestou contrariamente à PEC 171, que trata da redução da idade penal.

6. É fato que a violência e a criminalidade estão presentes em todas as classes sociais, embora se manifestem de diferentes formas. Os segmentos mais vulneráveis da população são o contingente mais vitimizado pela violência letal. Os segmentos mais abastados clamam por mais segurança visando a proteção de seu patrimônio. O senso comum, reforçado pela mídia, lastreado na discriminação social, afirma que a criminalidade violenta é sempre relacionada com a pobreza, apesar de todos os estudos científicos não corroborarem essa tese. Com isso, várias ações públicas e privadas em relação ao enfrentamento da criminalidade são discriminatórias, ora responsabilizando ora criminalizando os pobres e moradores das periferias das cidades, de modo especial os habitantes das favelas.

7. Além da violência a dizimar a vida de milhares de brasileiros todos os anos, percebemos outras formas geradoras da violência. Corrupção, desvios de verbas públicas e outros “crimes do colarinho branco”, alimentados pela impunidade de seus agentes (corruptos e corruptores), estão sempre presentes no nosso noticiário. Este tipo de crime traz consequências trágicas para a sociedade, como a fome, o desemprego, as doenças, o analfabetismo, a recessão da economia, etc. No entanto, dificilmente alguém é condenado pela prática de tais crimes. Lembra-nos o Papa Francisco: “os Estados deveriam vigiar para que as respectivas legislações nacionais sobre as migrações, o trabalho, as adoções, a transferência das empresas e a comercialização de produtos feitos por meio da exploração do trabalho sejam efetivamente respeitadoras da dignidade da pessoa. São necessárias leis justas, centradas na pessoa humana, que defendam os seus direitos fundamentais e, se violados, os recuperem reabilitando quem é vítima e assegurando a sua incolumidade, como são necessários também mecanismos eficazes de controle da correta aplicação de tais normas, que não deixem espaço à corrupção e à impunidade. E preciso ainda que seja reconhecido o papel da mulher na sociedade, intervindo também no plano cultural e da comunicação para serem obtidos os resultados esperados”.¹¹

8. O sistema de justiça criminal brasileiro (formado pelas polícias, pelo Ministério Público, pela Justiça e pelo sistema prisional) não tem respondido adequadamente ao recrudescimento e à sofisticação da criminalidade contemporânea. Essas agências públicas mantêm a estratégia de agir

¹⁰ Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/SinaseLevantamento2011.pdf>> Acesso em: 26/03/2015.

¹¹ Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2015.

quase que exclusivamente de modo reativo, depois que a violência e/ou crime já ocorreram. Num ambiente de insegurança e medo crescentes e baixa confiança nas instituições policiais e de justiça, soluções paliativas têm sido a resposta do poder público frente ao aumento da violência urbana e do crime. Ao invés de os governos e a sociedade buscarem saídas na esfera pública e política, enfrentando as mazelas que emperram o sistema de justiça criminal, investindo num modelo preventivo de enfrentamento das múltiplas formas de violência e priorizando na agenda pública o tema da segurança, vê-se a busca de soluções no âmbito privado, com a indústria da segurança privada crescendo exponencialmente frente à incapacidade de ação do Estado nessa área. Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) aponta que, em dez anos, a segurança privada cresceu 74% no Brasil. Mais uma vez, o poder econômico define quem é potencial vítima e quem está mais protegido. Segurança pública é direito do cidadão. De que adianta ter boa escola, bons hospitais ou emprego, se o cidadão corre o risco de morte cotidianamente?

9. A desarticulação dos sistemas de justiça e de segurança pública explica, em boa medida, a impunidade e a morosidade que, por sua vez, geram na população a sensação de impotência frente à violência.¹² A desesperança em relação às agências encarregadas da segurança pública mostra a necessidade de reformas nesse sistema. Dar novo conceito à segurança pública significa considerar que o centro da mesma é o cidadão. Entendida como um bem público, a segurança deve preocupar com uma ordem democrática cidadã e justa, a permitir a convivência segura e pacífica entre todos os indivíduos, sem quaisquer discriminações.

10. Quando ocorre um crime de repercussão nacional, parte da sociedade brasileira – capitaneada por um discurso punitivo e vingativo – clama por leis draconianas como solução definitiva para diminuir a criminalidade violenta. Percebe-se que o resultado desse tipo de medida pontual – a corroborar no recrudescimento do estado penal – não apresenta resultado efetivo em termos de diminuição dos crimes, dado o aumento exponencial da criminalidade nas últimas duas décadas. Sob o ponto de vista cristão, mesmo diante de um crime bárbaro, a solução não pode ser dada pelas vias da vingança. O Estado não tem a prerrogativa da vingança e não pode ser tolerante e conivente com os reiterados crimes de “justiciamento” que pipocam pelo país. Considerando-se que o indivíduo pode, intimamente, desejar vingança, o Estado – mantenedor das conquistas do processo civilizatório, cuja base está na garantia dos direitos humanos – não pode ser vingativo e passional em seus atos.

¹² Segundo a Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, 70% dos brasileiros desconfiam das polícias. Os dados índice de Confiança na Justiça (ICJBrasil, 2014) seguem a tendência de má avaliação do judiciário como prestador de serviço público como já identificada nos relatórios anteriores. De maneira geral, os entrevistados consideram que o Judiciário presta um serviço público lento, caro e difícil de utilizar. Para 89% dos entrevistados o Judiciário resolve os conflitos de forma lenta ou muito lentamente, 81% disseram que os custos para acessar o Judiciário são altos ou muito altos e 72% dos entrevistados acreditam que o Judiciário é difícil ou muito difícil para utilizar. Outros três problemas apontados pelos entrevistados são a falta de honestidade (69% dos entrevistados consideram o Judiciário nada ou pouco honesto), a parcialidade (64% dos entrevistados acreditam que o Judiciário é nada ou pouco independente) e a falta de competência para solucionar os casos (60% da população entrevistada classifica o Judiciário como nada ou pouco competente).

11. Muitas vezes, a indignação que move as pessoas a desejarem o recrudescimento penal, em momentos de comoção, não é mobilizadora frente à violência e carnificina generalizadas que, cotidianamente, ceifam milhares de vidas humanas, prematuramente. Como nos lembra o Papa Francisco, “o anseio de uma vida plena contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar”.¹³

12. Há que se considerar, ainda, que uma das formas mais contundentes de se propagar e exaltar a violência na atualidade se dá através da grande mídia. A onipresença da violência na mídia estimula muito mais as ações violentas para a resolução de simples conflitos cotidianos do que atos pacíficos e de respeito aos outros e a si mesmo. Não existe discurso ingênuo sobre a violência. A glamourização das várias faces da miséria, da fome e da morte pelos meios de comunicação acaba por incentivar extremismos ideológicos que não nos possibilitam uma boa compreensão do problema da violência e dificultam a busca por caminhos para a sua superação.

13. Em boa medida, a violência adquire contornos cada vez mais amplos devido a um modelo de sociedade alicerçada na cultura do descartável, baseada na satisfação pessoal, em detrimento do respeito à dignidade humana. Esse modelo gerador de violências das mais variadas formas interpela os cristãos cotidianamente: “Sabemos que Deus perguntará a cada um de nós: Que fizeste do teu irmão? (cf. Gn 4,9-10). A globalização da indiferença, que hoje pesa sobre a vida de tantas irmãs e de tantos irmãos, requer de todos nós que nos façamos artífices duma globalização da solidariedade e da fraternidade que possa devolver-lhes a esperança e levá-los a retomar, com coragem, o caminho através dos problemas do nosso tempo e as novas perspectivas que este traz consigo e que Deus coloca em nossas mãos”.¹⁴

O EVANGELHO DA PAZ (EF 2,17)

14. Com essa finalidade, a CNBB propõe um Ano da Paz. No âmbito bíblico, o termo que se traduz por paz é shalom. Essa palavra hebraica é rica de significado. É usada no dia a dia como saudação e como despedida, exprimindo o desejo de bem completo e perfeito. Abrange o bem estar, a abundância, a saúde, a prosperidade, a verdadeira harmonia com Deus, com todos e com tudo, O uso que dela faz o Novo Testamento implica urna consequência prática: quem a conhece deve promovê-la. Quem, em Cristo, sabe que foi agraciado com a paz, deve se tornar um reconciliador, um construtor de paz.

15. A paz é muito mais do que a ausência de conflitos. Tácito, romano intelectual e crítico, pouco antes no nascimento de Jesus, já denunciava a política baseada na força contra os fracos e vencidos como produtora de desertos (*ubi desertum faciunt pacem appellant* – chamam de paz o deserto que criam). A dura realidade da violência, da injustiça, dos sofrimentos causados por relações sociais e econômicas desviadas do bem comum, provoca um desejo ainda mais intenso de paz. Mais que isso, apela à consciência e à responsabilidade de todos. Faz sentir o imperativo da paz e

¹³ Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2014.

¹⁴ Mensagem para o Dia Mundial da paz, 2015.

convoca à decisão. “Eu sou da paz”. Todas as pessoas de boa vontade podem dizer isso, apoiadas em sua capacidade de distinguir o bem do mal e na percepção do dever, discernido no profundo da consciência, de fazer o bem e evitar o mal. A fé cristã, por sua vez, acrescenta motivos para que o compromisso com a paz seja assumido mais radicalmente.

16. Dom e compromisso, assim se entende a paz à luz da fé cristã. Dom, porque é graça, é bem aventurança. “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Remete Aquele que veio como portador do “Evangelho da paz” (cf. Ef 2,17) e que o realiza em sua carne (cf. Ef 2,14) com a doação amorosa que faz de si mesmo. A paz é dom porque, em última instância, se identifica com o próprio Jesus Cristo —“Ele é a nossa paz” (Ef 2,14). O anúncio profético dos tempos messiânicos apresentava a centralidade da paz. Isaías, por primeiro, fala do “Evangelho da paz”: como são belos os pés do evangelista que, alegre, anuncia a paz (cf. Is 52,7). O futuro messias é o “Príncipe da paz” (Is 9,5). Para o profeta, a justiça e a atenção aos pobres fundamentam a paz, que se estende a toda a criação (cf. Is 11). A paz é fruto da justiça (cf. Is 32,17). O dom da paz é trazido pelo rei que entra em sua cidade cavalcando o jumento para dispensar todos os instrumentos de guerra. “Sua palavra é de paz para as nações” (Zc 9,10; cf. Mt 21,1-5).

17. A paz é também compromisso, porque, sendo dom verdadeiro, se enraíza na profundidade pessoal de quem o recebe, e de lá frutifica nas mais variadas situações. “Reine em vossos corações a paz de Cristo” (Cl 3,15). “A paz de Deus, que supera todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos no Cristo Jesus” (Fl 4,7). Coração e pensamento transformados pela paz. Mas, a partir deles, ela se transforma em ação. O “não cometerás homicídio” (Ex 20,13) é radicalizado. Jesus, no Sermão da Montanha, proclama que toda ira contra o irmão e toda palavra má devem ser banidas (cf. Mt 5,21-22). “Não ofereçais resistência ao malvado! Pelo contrário, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5,39). Vai ainda mais além: “Amai vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem” (Mt 5,44). E, exemplo supremo do que não resiste ao mal com o mal, mas o vence pelo amor, morre perdoadando (cf. Lc 23,34). Seus discípulos devem viver assim. “Vivei em paz uns com os outros” (Mc 9,50), determina o Mestre. Ao que São Paulo acrescenta: “e o Deus do amor e da paz estará convosco” (2Cor 13,11). Não é só entre os irmãos de fé que o preceito da paz vigora, mas se estende a todos (cf. Rm 12,18; Hb 12,14). A Igreja antiga entendeu que o vínculo entre a paz e a fé cristã era tal que os cristãos faziam objeção de consciência ao serviço militar. Entre os que eram soldados, se refutavam a matar, alguns, por isso, foram martirizados.

18. A Igreja, fiel à Palavra de Deus, da qual é anunciadora e testemunha, tendo a paz como ideal, a propõe ao mundo clara e corajosamente. São João XXIII, em sua grande encíclica *Pacem in terris*, afirma que, em nosso tempo, não é racional que a guerra possa ser usada como instrumento da justiça (cf. n. 67). Ele, que viveu de perto os horrores da guerra, cita Pio XII: “Com a paz nada se perde. Tudo, com a guerra, pode ser perdido” (n. 62). O Beato Paulo VI, em sua memorável *Populorum progressio*, reafirma a completa exclusão da violência do ideal de sociedade coerente com a dignidade humana. São João Paulo II, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2002, recorda que “não há paz sem justiça, nem justiça sem perdão”.

19. Um serviço que a Igreja presta à causa da paz é a promoção do Dia Mundial da Paz, instituído pelo Beato Paulo VI, que pretende “interpretar” um anseio profundo dos homens e mulheres, instituições e organizações. Entre seus objetivos está a promoção de um “novo modo de pensar o homem, os seus deveres e o seu destino” (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1968). São João Paulo II indica, na Mensagem supracitada, dois outros valores junto com os quais a paz pode se estabelecer: “a paz: obra de justiça e amor”. E, em 2003, celebrando o quadragésimo ano da encíclica *Pacem in terris*, aprofunda a reflexão, recordando que o caminho para a paz se faz derrubando as barreiras que separam, fortalecendo os vínculos de amor mútuo, compreendendo-se uns aos outros e se perdoadando mutuamente (cf. PT, n. 304).

20. Em sua reflexão sobre a comunidade humana internacional, a Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no Mundo de hoje (*Gaudium et spes*), indica como elementos a se terem presentes para uma convivência pacífica e para o progresso da paz: o respeito pela índole comunitária da vocação humana, a interdependência da pessoa humana e da sociedade humana; a promoção do bem-comum; o respeito da pessoa humana; o respeito e amor pelos adversários; a igualdade essencial entre todas as pessoas; a superação da ética individualista; a responsabilidade e a participação social, e a solidariedade humana (n. 24-32).

21. O Papa Francisco acentua a importância da fraternidade para a “construção de uma sociedade justa e de uma paz firme e duradoura” (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2014). E, profeticamente, denuncia: “seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem” (EG, n. 218).

22. Herdeiros e continuadores de uma tradição tão rica, os cristãos são hoje interpelados a servir criativamente a causa da paz. A coerência com o Evangelho que ensina a lógica do serviço contra a do domínio (cf. Lc 22,24-27), a lavar os pés uns dos outros (cf. Jo 13,14), a perdoar sem limites (cf. Mt 18,21-35), compromete o cristão com a causa da paz. “Na medida do possível e enquanto depender de vós, vivei em paz com todos. (...) Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal pelo bem” (Rm 12,18.21). O Evangelho não é utopia irrealizável. É Palavra de Deus. Indica às pessoas e a todo o mundo o caminho da verdadeira felicidade. “Já que sabeis disso, sereis felizes, se o puserdes em prática” (00 13,17). Por isso, confiando inteiramente na Palavra de Deus, a Igreja proclama ao mundo e convida a todos a viver o “Evangelho da paz” (Ef 2,17).

SOMOS DA PAZ

23. Para dar concretude às ações de promoção de uma cultura da paz e da não violência, a Igreja no Brasil aponta uma série de sugestões de atividades para a Ano da Paz. Será importante e, servirá como alicerce, para a implantação do Ano da Paz, que essas ações estejam ligadas ao tema da Campanha da Fraternidade de 2015 (Fraternidade: Igreja e Sociedade), com a reflexão da realidade da violência social e tomada de posicionamento, por parte da Igreja Católica e das demais Igrejas Cristãs no Brasil, em favor paz. O tema da paz poderá ser o resultado de várias abordagens que serão promovidas em diversas atividades e nas inúmeras comunidades e instâncias eclesiais e

sociais do país. Para ajudar na implantação da Campanha do Ano da Paz, nas dioceses, paróquias, comunidades e, em grande parte da sociedade, apresentamos algumas sugestões que poderão ser aprimoradas ou modificadas, de acordo com a realidade de cada região do país, ou setor social:

a) Assembleias Regionais da CNBB e Assembleias do Clero nas Diocese

Faz-se importante a tentativa de alinhamento do discurso, da postura e tomada de decisões com vistas à paz, por parte da grande maioria dos líderes religiosos das dioceses, paróquias e comunidades. Que nas Assembleias Ceral e Regionais dos Bispos, bem como nas Assembleias do Clero em todas as dioceses do Brasil, sejam apresentados dados sobre a violência, por profissionais competentes, e que se firme um compromisso em prol da instauração da cultura da paz por todos os líderes religiosos católicos.

b) Ordens e Congregações Religiosas

Que seja sugerida à Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) a instauração de uma comissão para a propagação da Campanha do Ano da Paz nas Ordens e Congregações Religiosas; que as escolas católicas, muitas delas administradas pelos religiosos, possam aderir ao projeto pela paz.

c) Mídia

Para as mídias, institucional e comercial, TV e rádio, serão confeccionados spots ou vinhetas sobre o Ano da Paz. As assessorias de comunicação das dioceses poderiam promover concursos entre locutores de rádio e apresentadores de programas de TV que abordassem o tema da paz. De posse do material sobre o Ano da Paz, sugere-se promover um seminário, tendo como público-alvo os diretores de produção, editores e profissionais da comunicação, especialmente da mídia católica, e incentivar a adesão à proposta do Ano da Paz em suas emissoras. Que seja incluída na programação, nas intervenções dos âncoras, no conteúdo dos programas o tema do Ano da Paz. Sugere-se, também, que se promovam debates e mesas- redondas sobre o tema da paz com autoridades, religiosos e agentes comunitários, nos veículos de comunicação. Aos vários artistas que têm assumido uma postura religiosa católica, além dos padres midiáticos, pode-se sugerir a adesão deles à Campanha para o Ano da Paz. Que em seus shows, entrevistas, programas e celebrações midiáticas, propaguem o tema da paz. Pode-se resgatar algumas músicas da MPB que abordam o tema da paz e lançar um CD com a participação de cantores populares. Em vários programas, nas TVs e rádios, poderá ser lançado um concurso de música com o tema da paz. Aproveitar os jornais e revistas religiosos para sugerir reflexões sobre o Ano da Paz.

d) Material Impresso

Além do Texto-base com o objetivo geral da campanha do Ano da Paz que norteará as reflexões sobre o tema, poderão ser sugeridos textos para reflexão em grupos para crianças, jovens, círculos bíblicos, famílias e outros grupos sociais. Aproveitando a logomarca da Campanha, poderão ser confeccionadas camisas, bonés, bótons e distribuídos nas lojas de produtos religiosos no Brasil. Causaria um grande impacto se as pessoas que participarem da Caminhada pela Paz, no dia 4 de outubro, nas dioceses ou cidades, estivessem usando uma camisa da campanha. “Vestir a camisa

da paz é responsabilizar-se por ela”. Para isso, é necessário que o custo dessa camisa não seja alto, para que a maioria das pessoas tenha acesso.

e) Dioceses

Que os Bispos incluam nos momentos celebrativos como Missa da Unidade, Corpus Christi, Crismas, ordenações, etc., uma abordagem do tema da paz em suas homilias. Que os bispos sugiram aos presbíteros de suas dioceses, que se aborde o tema da paz na festa dos padroeiros. Aproveitar as grandes festas religiosas nacionais como Aparecida, Círio de Nazaré e outras que acontecem no Brasil, para abordar o tema da paz. Que os articuladores das pastorais nas dioceses incentivem seus membros a promoverem reflexão sobre a paz. A Pastoral Familiar poderá abordar o tema da paz na família, em contraposição à instauração da cultura da violência no lar. A Pastoral da Criança, por exemplo, pode ser um instrumento que conscientize as pessoas sobre a violência doméstica e contra crianças e adolescentes e propague a paz na família. Na catequese de Primeira Eucaristia e Crisma, pode ser abordado o tema, trazendo, a partir da realidade dos envolvidos, a reflexão sobre a paz na comunidade, na escola, nos barzinhos, nas baladas, nos estádios de futebol e outros esportes, etc. Que sejam promovidas, com esse público infanto-juvenil, atividades como gincanas, brincadeiras, gestos concretos tendo como tema central a paz. A Pastoral Carcerária poderá introduzir o tema da paz junto aos que se encontram no cárcere e em parceria com as várias instituições que defendem os direitos humanos, promover debates sobre o tema da violência nas dioceses. A Pastoral da Mulher Marginalizada poderá ser incentivada a promover encontros que suscitem a reflexão sobre a tomada de consciência da realidade da violência contra a mulher e, ao mesmo tempo, apontar pistas para a conscientização dos direitos e a promoção da paz nesta realidade. Incentivar encontros, seminários e reflexões junto à Pastoral da Terra, principalmente no norte do país, trazendo à tona a realidade de violência que ainda insiste em dizimar vidas e apresentar pistas para uma luta pacífica pelos direitos da terra. A Pastoral do Migrante, especialmente no sudeste do Brasil, pode promover iniciativas para olhar a realidade do processo de migração, muitas vezes sustentado por interesses capitalistas de alguns, que mantêm, ‘ainda, estruturas de escravidão, cárcere e dependência dos imigrantes. Nos encontros, refletir também sobre a violência e o meio ambiente. Nas celebrações dominicais, que os sacerdotes e ministros que presidem as celebrações nas comunidades abordem o tema da violência, com pistas para se implantar uma cultura de paz na sociedade. Existem muitas outras pastorais. Para cada uma, de acordo com a realidade local, poderá ser sugerida uma atividade, no intuito de que ninguém seja excluído da possibilidade da reflexão sobre o Ano da Paz.

f) Congressos e Seminários

Será lançado o I Congresso Nacional sobre a Paz, promovido pela CNBB, em parceria com as Universidades Católicas do Brasil e com a iniciativa privada. Na oportunidade, poderão ser convidadas autoridades religiosas (das comissões de direitos humanos e pastorais sociais) e civis (de segurança pública, membros das comissões de direitos humanos do Legislativo federal e estadual, e outras), para que apresentem, em mesas redondas, iniciativas do poder público para amenizar a violência no país. Poderão, também, ser convidados antropólogos, sociólogos, pesquisadores das ciências sociais, do direito, teólogos, filósofos, biblistas e outros. Os GTs

(Grupos de Trabalhos) poderão abordar as várias áreas em que se encontra a violência (familiar, social, racial, religiosa, de gênero, no meio ambiente, etc.). Sejam promovidos, nas dioceses, congressos e! ou seminários tendo como público-alvo as autoridades locais e líderes comunitários. Na oportunidade, sejam apresentados dados estatísticos da violência no Brasil e na realidade focal, apontadas pistas e apresentados incentivos a iniciativas para a implantação de uma cultura da paz. Também, nas dioceses, poderá ser promovido um seminário sobre a paz para professores das escolas particulares e públicas, aproveitando, se houver, na diocese, espaços e colaboração das escolas católicas. A abordagem do tema da paz seja incentivada em todas as escolas do Brasil, sugerindo concursos de redações, poesias e outras atividades afins.

g) Caminhada pela Paz

Realizar no dia 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, arauto da paz, a Caminhada pela Paz em todas as arquidioceses, dioceses e prelazias. A caminhada poderá acontecer também nas cidades que não são sede de dioceses, possibilitando a maior participação de pessoas, visto que muitas não teriam condições de viajar para participar em outra cidade. Todas as comunidades deveriam realizar uma caminhada demonstrando que a paz é possível.

CONCLUSÃO

24. A realidade é cruel: são múltiplos os fatores que geram a violência. Porém, a fé nos aponta o horizonte da esperança. Não é eticamente justo nem aceitável, sob o ponto de vista cristão, banalizar e se conformar com atos contra a vida. Da mesma forma, é inadmissível naturalizar as múltiplas formas de violência que agridem a dignidade humana. “A resposta a estas difíceis questões, podemos encontrá-la numa cuidadosa educação para o respeito da consciência do outro, tendo, como meios, o conhecimento de outras culturas e religiões e a equilibrada compreensão das diversidades existentes”.¹⁵ Apostar na educação para a paz e numa cultura que valorize a não violência como um contínuo exercício de ação coletiva a envolver as famílias, os governos, as Igrejas e todas as instituições e pessoas de boa vontade: esta é a aposta e o chamamento da igreja neste Ano da Paz. A educação para a paz envolve o compromisso de cada cristão e cristã com os valores que preservam e edificam a paz: o respeito ao outro; a crença na dignidade humana; a busca incessante pela justiça; a honestidade de caráter; a defesa da verdade, tendo como norte a ética cristã. Em resumo, há que se resgatar uma cultura de amor ao próximo, como Jesus Cristo ensinou.

25. Que Cristo, o Príncipe da Paz,¹⁶ nos ajude na construção de novos caminhos, pois a boa vivência da fé implica no compromisso cotidiano com a paz. Nossa Senhora geradora do Príncipe da Paz, nos ajude a sermos arautos e geradores da paz.

¹⁵ Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1991. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121990_xxiv-world-day-for-peace.html>. Acesso em: 16/03/2015.

¹⁶ “De fato ele é a nossa paz (Ef 2,14); “Eu vos disse estas coisas para que, em mim, tenhais a paz. No mundo tereis aflições. Mas, tende coragem! Eu venci o mundo!” (Jo 16,33); “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é à maneira do mundo que a dou. Não se perturbe nem se atemorize o vosso coração” (Jo 14,27).

ORAÇÃO DA PAZ

Senhor! Fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Amém!



LOGO DO ANO DA PAZ

Somos da Paz! A pomba é símbolo da paz! A paz ferida. As mãos estilizadas formam as asas. Mãos que se encontram e protegem a paz. Elas são sinais da paz! Trindade; três: as mãos e a cabeça da pomba. A Trindade vida doada e geradora, fonte. A paz é fruto da entrega, da doação, da reconciliação. Como a pomba após o dilúvio anunciou a vida nova surgida das águas com o ramo, assim a paz é anúncio de relações novas: irmãos, irmãs! A fraternidade com toda a obra criada.